



## TORNAR-SE MULHER:

### UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM BELLA BAXTER DE POBRES CRIATURAS A PARTIR DO PENSAMENTO DE SIMONE DE BEAUVOIR

Caroline Susane da Silva<sup>1</sup>

#### RESUMO

O objetivo deste estudo consiste em analisar a relação entre a personagem Bella Baxter, do filme *Poor Things* de Yorgos Lanthimos (2023), e a ontologia do corpo feminino de Simone de Beauvoir. O problema que orienta a análise questiona: de que maneira o corpo feminino interfere na construção de identidade e autonomia da mulher? Segundo Beauvoir, o corpo não representa uma essência natural, mas um campo de construção histórica e cultural, marcado por valores sociais que reduzem a mulher à condição de objeto e de "Outro", em oposição ao homem, definido como Sujeito e Absoluto. Nesse sentido, a narrativa de Bella dramatiza a tensão entre a imanência, vivida na passividade e dependência, e a busca pela transcendência, caracterizada pela ação, pela liberdade e pela construção de projetos próprios. Ao longo da trama, Bella se desloca de um estado inicial de submissão, no qual sua existência é controlada por figuras masculinas, para um processo de autodeterminação, no qual reivindica sua autonomia e a apropriação de seu corpo. Essa passagem reflete a crítica de Beauvoir às estruturas patriarcais que associam a mulher exclusivamente ao corpo e à imanência, ao mesmo tempo em que evidencia a possibilidade de superação pela afirmação da transcendência.

**Palavras-chave:** Pobres Criaturas; corpo feminino; transcendência; imanência; Beauvoir.

<sup>1</sup> Especialização em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Estadual de Londrina, UEL. Mestrado em andamento em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR. Email: carolaine.susane@uel.br | ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9577-6240>.



## BECOMING A WOMAN

### AN ANALYSIS OF THE CHARACTER BELLA BAXTER FROM POOR THINGS THROUGH THE THOUGHT OF SIMONE DE BEAUVOIR

#### ABSTRACT


The objective of this study is to analyze the relationship between the character Bella Baxter, from Yorgos Lanthimos's film *Poor Things* (2023), and Simone de Beauvoir's ontology of the female body. The guiding research problem asks: in what ways does the female body interfere with the construction of women's identity and autonomy? According to Beauvoir, the body does not represent a natural essence, but rather a field of historical and cultural construction, shaped by social values that reduce women to the condition of object and "Other," in opposition to man, defined as Subject and Absolute. In this sense, Bella's narrative dramatizes the tension between immanence, experienced in passivity and dependence, and the pursuit of transcendence, characterized by action, freedom, and the construction of individual projects. Throughout the storyline, Bella transitions from an initial state of submission, in which her existence is controlled by male figures, to a process of self-determination in which she claims her autonomy and the appropriation of her body. This trajectory reflects Beauvoir's critique of patriarchal structures that associate women exclusively with the body and with immanence, while simultaneously highlighting the possibility of overcoming such constraints through the affirmation of transcendence.

**Keywords:** *Poor Things*; female body; transcendence; immanence; Beauvoir.

#### INTRODUÇÃO

O filme *Pobres Criaturas* (*Poor Things*), dirigido por Yorgos Lanthimos (2023) e baseado no romance homônimo de Alasdair Gray (1992), constitui uma narrativa fecunda para a reflexão acerca da condição feminina sob a ótica da filosofia existencialista de Simone de Beauvoir, especialmente em sua obra *O Segundo Sexo* (2019a, 2019b). O presente trabalho tem como tema central a análise da relação entre a personagem Bella Baxter e a filosofia de Beauvoir, considerando, de modo específico, como as experiências da protagonista podem ser interpretadas a partir dos conceitos de transcendência e imanência.

O problema que orienta esta investigação consiste em compreender de que maneira o corpo feminino interfere na autonomia da mulher. A hipótese que sustenta esta análise propõe que a trajetória de Bella Baxter dramatiza, de forma



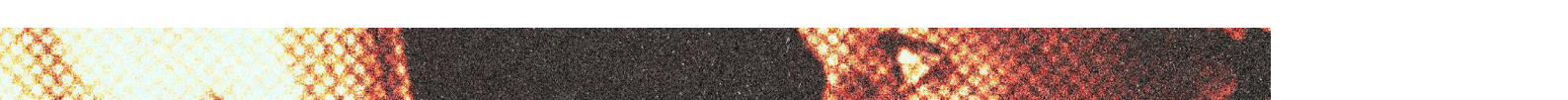
simbólica e estética, representa o percurso descrito por Beauvoir da mulher que, inicialmente confinada à condição de inessencial, reivindica para si o estatuto de sujeito. Para Beauvoir, o corpo da mulher não se define como essência ou destino natural, mas como construção histórica e cultural. A mulher, segundo Beauvoir, é frequentemente reduzida a objeto e, nesse processo, associada à condição de “Outro” em relação ao homem, que se coloca como Sujeito e Absoluto.

O percurso argumentativo deste artigo estrutura-se em três partes principais. Na primeira, apresenta-se a fundamentação teórica centrada na ontologia do corpo feminino em Beauvoir, com especial atenção aos conceitos de transcendência e imanência. Na segunda parte, analisa-se a trajetória da personagem Bella Baxter, examinando suas relações com os demais personagens e os processos de subjetivação que atravessa e, como o recurso visual é utilizado para apresentar os sentimentos e desenvolvimento da protagonista. Por fim, nas considerações finais, sintetizam-se os achados da análise e apontam-se implicações para a compreensão contemporânea da condição feminina. Cabe ressaltar que, embora este trabalho adote o pensamento beauvoiriano como referencial principal, reconhece-se a necessidade de situá-lo no contexto histórico e intelectual de sua produção e do contexto de publicação da obra *O Segundo Sexo* (2019a, 2019b), considerando tanto suas contribuições quanto suas limitações epistemológicas.

## **O CORPO FEMININO: O OUTRO EM SIMONE DE BEAUVOIR**

No livro *O Segundo Sexo* (2019a, 2019b), publicado em 1949, a filósofa francesa Simone de Beauvoir busca responder à pergunta “o que é uma mulher?”<sup>1</sup> (2019a, p. 9). Beauvoir afirma que hesitou muito em escrever um livro sobre as mulheres, pois para a autora “o tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo” (2019a, p. 9). Apesar da relutância inicial, Beauvoir percebeu que esse é um tema que nunca se esgota. Tratar sobre a mulher é necessário, principalmente quando os direitos das mulheres estão sendo contestados, como ocorreu na França nos anos que antecederam a publicação de *O Segundo Sexo* (2019a, 2019b). É fundamental situar esta obra no contexto do pensamento eurocêntrico de meados do século XX, reconhecendo tanto sua influência duradoura quanto as limitações<sup>2</sup> decorrentes de sua localização histórica e geográfica específica.

No ano de publicação de sua obra, em 1949, os argumentos comumente utilizados para fundamentar a desigualdade social existente entre os sexos consistiam em apontar e reforçar as diferenças biológicas e dar ênfase ao ponto de vista da psicanálise de Freud<sup>3</sup> sobre a figura feminina, que enxergava a mulher como um ser castrado, faltante, incompleto e frustrado por não possuir um falo. Nesse contexto, Beauvoir busca analisar esses argumentos, evidenciando que eles



não são suficientes para justificar a desigualdade social existente entre os sexos, na qual o sexo feminino é visto como inferior ao masculino.


Beauvoir é influenciada pelo existencialismo<sup>4</sup> e pela fenomenologia de Jean-Paul Sartre, Merleau-Ponty e Friedrich Hegel em grande medida, e reorienta esses recursos para a análise do gênero. Para ela, a libertação humana exige compreender como as posições ontológicas (ser Sujeito, ser o Outro) e as categorias sociais (homem/mulher) se entrelaçam. A autora realiza um estudo profundo sobre a figura da mulher ao longo da história e, a partir dessa análise, Beauvoir formula sua tese feminista existencialista. Segundo Beauvoir (2019a, p. 11), o ser humano é dividido em categorias que influenciam na construção e reconhecimento de identidade do indivíduo. A partir da dialética do senhor e do escravo de Hegel (1992), presente na *Fenomenologia do Espírito*, Simone de Beauvoir elabora o conceito de “Sujeito” e “Outro”. Para Beauvoir (2019a, p. 99), “[...] a relação entre o senhor com o escravo se aplicaria muito melhor à relação do homem com a mulher”.

Sobre ser classificado como o Outro, a filósofa aponta que

A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. “A mulher, o ser relativo...”, diz Michelet. E é por isso que Benda afirma em *Rapport d’Uriel*: “O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem.” Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela: a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (Beauvoir, 2019a, p. 12-13).

Beauvoir (2019a, p. 13) afirma que a categoria de Outro é tão original quanto a própria consciência e que nas mais antigas mitologias encontra-se uma dualidade entre aquele que é considerado semelhante, o mesmo, e o que é diferente, o Outro. Ao analisar a sociedade, a autora evidencia a construção de uma alteridade sob essas duas categorias (Sujeito e Outro). Todo sujeito humano se constitui na relação com outros, mas essa relação é marcada por tensões: ao mesmo tempo que precisamos dos outros para sermos reconhecidos, também corremos o risco de sermos reduzidos a meros objetos para esse olhar alheio, que não nos enxerga como semelhante, mas como o Outro. Ou seja, essa configuração legitima a subordinação: se a medida do humano é o Sujeito, o homem enquanto essencial, tudo que diverge (a mulher) pode ser interpretado como secundário e não essencial. O Sujeito autodefine-se e tende a naturalizar sua posição como universal; o Outro, por oposição, é objetivado e negado em sua autonomia.

Sobre essa classificação, Beauvoir apresentará sua concepção de que

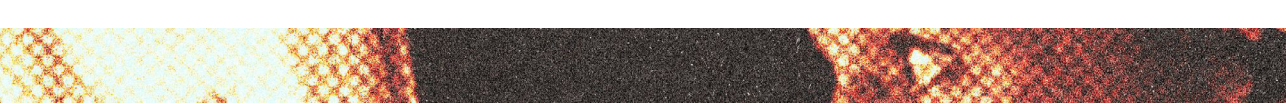


[...] a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si. Bastam três viajantes reunidos por acaso num mesmo compartimento para que todos os demais viajantes se tornem “os outros” vagamente hostis. Para os habitantes de uma aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo vilarejo são “outros” e suspeitos; para os habitantes de um país, os habitantes de outro país são considerados “estrangeiros”. Os judeus são “outros” para o antissemita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários (Beauvoir, 2019a, p. 13).

Na leitura que Toril Moi (1999) faz de Simone de Beauvoir, o corpo constitui o ponto de partida da existência humana e na consolidação dessa alteridade. Trata-se não de um corpo abstrato ou meramente biológico, mas do corpo vivido, isto é, da condição concreta pela qual cada sujeito se inscreve no mundo. Esse ponto de vista corresponde a uma perspectiva ontológica fenomenológica que entende que não há experiência do sujeito desvinculada de sua corporalidade. Beauvoir (2019a, p. 35) afirma que “A presença no mundo implica rigorosamente a posição de um corpo que seja a um tempo uma coisa do mundo e um ponto de vista sobre esse mundo: mas não se exige que esse corpo possua tal ou qual estrutura particular”. Beauvoir expõe que esse corpo nunca se apresenta em estado neutro: ele está sempre situado, inserido em um contexto histórico, social e cultural específico. Assim, o corpo deve ser compreendido como uma sedimentação histórica, no sentido de que nele se acumulam marcas, inscrições e camadas de experiências derivadas das interações constantes com o mundo. A filósofa realiza, assim, uma crítica à visão de homem universal, pois a existência não ocorre e não é percebida da mesma maneira para essa pluralidade de corpos.

Diante desse cenário, o mundo não é um lugar inerte, mas uma força ativa que faz algo com os sujeitos: impõe normas, expectativas, classificações e constrangimentos. Contudo, a relação não é unilateral, pois os sujeitos também respondem ao mundo de maneiras variadas, que podem oscilar entre a aceitação passiva, a resistência, a luta ou ainda formas intermediárias de manipulação e ressignificação. Essa dinâmica constitui o modo como os indivíduos se tornam registros históricos de seus próprios projetos e das pressões exercidas sobre eles. No caso das mulheres, esse processo assume aspectos mais complexos, pois seus corpos são socialmente percebidos e tratados como femininos, o que lhes confere experiências específicas que não se reproduziriam se tais corpos fossem interpretados como masculinos. Vale destacar que, para Beauvoir, essa diferença não se fundamenta em um essencialismo biológico: não é o corpo feminino em si que determina tais experiências, mas a forma como o mundo social e histórico projeta significados sobre ele.

Beauvoir (2019a, p. 57) afirma que “[...] a mulher, como o homem, é seu corpo, mas seu corpo não é ela, é outra coisa”. Nessa frase, Beauvoir expõe o




reconhecimento da corporalidade como condição necessária da existência humana e, simultaneamente, a recusa de reduzi-la a uma essência determinante da identidade do corpo feminino. Dessa forma, a análise fenomenológica de Beauvoir, tal como interpretada por Moi (1999), evidencia que a condição feminina resulta de uma intersecção entre corporalidade e situação, revelando como o corpo é simultaneamente ponto de partida existencial e espaço de inscrição das estruturas sociais e históricas. O corpo é uma dimensão da condição humana, é elemento constitutivo da situação em que o sujeito existe. Ao acrescentar “mas seu corpo não é ela” (2019a, p. 57), Beauvoir afirma que a corporeidade, apesar de constitutiva, não esgota a pessoa. O corpo é uma dimensão factual, mas a subjetividade humana envolve também projetos, escolhas, intencionalidade e transcendência; categorias centrais do existencialismo. Dizer que “o corpo não é ela” é, portanto, recusar um reducionismo biologista segundo o qual ser mulher seria simplesmente resultar das características corporais.

Ao afirmar que o corpo feminino “é outra coisa” (2019a, p. 57), Beauvoir está apontando para duas ideias complementares. De um lado, o corpo, na vida social, torna-se outra coisa na medida em que é lido, interpretado e tratado por outrem, é objetificado, classificado, posicionado. Em outras palavras, o corpo torna-se um signo social: o mundo atribui a ele significados, expectativas e papéis (sexualização, normatividade estética, funções reprodutivas e de cuidado etc). De outro lado, “outra coisa” remete ao estatuto da mulher como o Outro dentro da categoria de Sujeito/Outro que Beauvoir desenvolve: a categoria “mulher” é, historicamente, construída como alteridade em relação ao homem considerado norma. Assim, o corpo feminino não permanece um dado neutro; ele é transformado em um lugar social, um algo sobre o qual recaem práticas, discursos e instituições que o tratam de maneira diferente do corpo masculino.

Nesse sentido, a filósofa aponta que diante dessa existência dual de Sujeito e Outro, os aspectos que são considerados positivos e neutros são arbitrariamente atribuídos à figura masculina, enquanto os aspectos negativos são relegados ao feminino.

[...] O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo latino *vir* o sentido geral do vocábulo *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade (Beauvoir, 2019a, p. 12).

Essa concepção, afirma Beauvoir (2019a, p. 14), não se compreenderia se a realidade humana fosse unicamente pautada na solidariedade e na amizade. Partindo de Hegel, Beauvoir evidencia que “descobrimos na própria consciência uma hostilidade fundamental em relação a qualquer outra consciência; o sujeito



só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto” (2019a, p. 14). Nesse sentido, Beauvoir (2019a, p. 33) aponta que “A separação dos indivíduos em machos e fêmeas surge, pois, como um fato irreduzível e contingente”, e que “a maior parte das filosofias tomou-as como admitida sem pretender explicá-la” (2019a, p. 33).

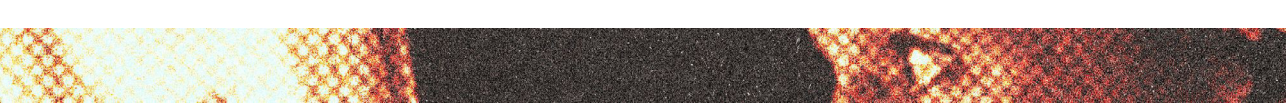
Nesse sentido a autora apresenta seu ponto de partida dentro desse debate:

É somente dentro de uma perspectiva humana que se podem comparar o macho e a fêmea dentro da espécie humana. Mas a definição do homem é que ele é um ser que não é dado, que se faz ser o que é. Como o disse muito justamente Merleau-Ponty, o homem não é uma espécie natural: é uma ideia histórica. A mulher não é uma realidade imóvel, e sim um vir a ser; é no seu vir a ser que se deveria confrontá-la com o homem, isto é, que se deveria definir suas possibilidades (Beauvoir, 2019, p. 62).

Diante disso, a filósofa acrescenta que

É, portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade [...] (Beauvoir, 2019a, p. 65).

Nesse contexto da possibilidade humana do “vir a ser”, Beauvoir aponta que a existência é um jogo ambíguo entre transcendência e imanência. Para tal, Simone de Beauvoir mobiliza categorias centrais do existencialismo sartreano, em que o ser humano é um existente que não se reduz ao dado imediato de sua facticidade (o que já é, o que lhe é dado), mas projeta-se para além de si, criando significados, objetivos e obras. Essa capacidade de ultrapassar o que é e abrir-se para o que pode vir a ser é a transcendência. Em contrapartida, a imanência designa a fixação à repetição, à manutenção do já dado, à clausura em tarefas cíclicas que não se abrem ao futuro. No existencialismo, a transcendência é vista como vocação universal do ser humano; negar a possibilidade de projetar-se seria desumanizar esse indivíduo. Para Beauvoir, os homens são capazes de expressar sua transcendência através de projetos, enquanto as mulheres são obrigadas à vida repetitiva e pouco criativa da imanência. Como observa Debra Bergoffen (1997), a crítica de Beauvoir à imanência feminina não é uma desvalorização do cuidado ou das atividades domésticas em si, mas uma denúncia de como essas atividades são instrumentalizadas pelo patriarcado para manter a mulher em posição de dependência.




Quanto às relações desiguais, Beauvoir atribuía responsabilidade a ambos os lados: os homens por sexismo e covardia e as mulheres por sua submissão voluntária. A mulher não se reivindica como sujeito porque, segundo Beauvoir (2019a, p. 18), não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro. Pois “mesmo quando seus direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontre nos costumes sua expressão concreta” (Beauvoir, 201a, p. 16). A imanência feminina fica mais evidente a partir da divisão sexual do trabalho, principalmente após o casamento, em que recai para as mulheres o trabalho da manutenção da vida, do cuidado, da casa, dos filhos, enquanto o homem possui um trabalho remunerado.

A vocação do homem é a ação; ele precisa produzir, criar, progredir, ultrapassar-se em direção à totalidade do Universo e à infinidade do futuro; mas o casamento tradicional não convida a mulher a transcender com ele; confina-a na imanência. Ela não pode, portanto, se propor a nada, a não ser construir uma vida equilibrada, em que o presente, prolongando o passado, escape às ameaças do dia seguinte, isto é, precisamente, edificar uma felicidade. [...] Entretanto, nenhum existente jamais renuncia a sua transcendência, ainda que se obstine em renega-la (Beauvoir, 2019b, p. 217-218).

Ao estar confinada à imanência, a mulher não pode propor-se a projetos que transcendam sua situação. O máximo a que pode aspirar, nesse modelo, é “edificar uma felicidade”: organizar uma vida equilibrada, garantir o bem-estar imediato da família, proteger-se das incertezas do futuro. Beauvoir não desvaloriza a busca pela felicidade, mas critica o fato de que, sob o patriarcado<sup>5</sup>, esse é o único horizonte oferecido às mulheres. Enquanto o homem se realiza no espaço público da história e da criação, a mulher é reduzida à repetição do presente, à manutenção da vida do outro, ao espaço privado do lar. Contudo, Beauvoir (2019b, p. 217-218) destaca que nenhum existente renuncia sua transcendência: mesmo quando o indivíduo é confinado na imanência, mesmo quando a sociedade lhe impõe esse lugar, a liberdade humana não desaparece: ela persiste como possibilidade e como impulso fundamental. Por isso, ainda que a mulher seja socialmente empurrada a negar a transcendência, essa recusa nunca é plena, pois ela pode se manifestar em desejos, em revoltas, em pequenos gestos de resistência ou em tentativas de ampliar seus horizontes. A transcendência é um traço constitutivo do humano, impossível de ser anulado completamente (Beauvoir, 2019b, p. 217-218).

[...] Para a mulher também é preciso que a vida harmônica do lar seja ultrapassada em direção a dados fins: o homem é que servirá de intermediário entre a individualidade da mulher e o Universo, ele é que revestirá de um valor humano a contingente facticidade dela. Extraíndo junto da esposa a força de empreender, de agir, de lutar, é ele quem a justifica: ele lhe entrega nas mãos a existência e ele lhe dará um sentido. Isso faz supor da parte dela uma humilde renúncia; mas ela é recompensada, porque,



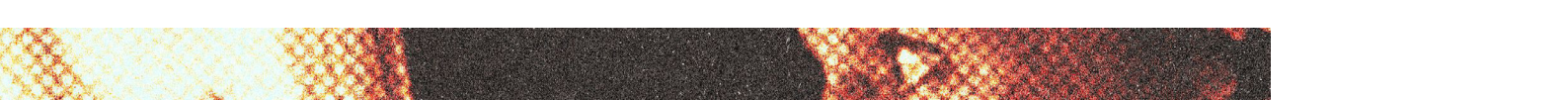
guiada, protegida pela força do homem, escapará ao abandono original; se tornará necessária (Beauvoir, 2019b, p. 218).

Nesse trecho, a autora descreve como, dentro da lógica patriarcal, a mulher não só é confinada à imanência, mas também é levada a acreditar que só pode acessar a transcendência por meio do homem. Isso significa que, culturalmente, não se reconhece à mulher a capacidade de se relacionar diretamente com o mundo, de dar sentido próprio à sua existência. O valor humano de sua facticidade, isto é, de seu corpo, de sua vida concreta, de seu trabalho doméstico, só é reconhecido quando filtrado e legitimado pela ação do marido. Em termos fenomenológicos, a mulher não é vista como Sujeito que projeta significados, mas como ser cuja existência precisa de uma validação externa, fornecida pelo homem, que é autorizado a transcender. Beauvoir destaca que essa dinâmica exige da mulher uma “humilde renúncia”, a aceitação voluntária de sua condição subordinada, a interiorização da ideia de que sua autonomia deve ser sacrificada em troca de proteção.

Beauvoir (2019b, p. 218) aponta que a opressão feminina não opera apenas por coerção externa, mas também por internalização de valores e promessas que levam a mulher a aceitar e até desejar sua posição subordinada. O casamento tradicional se sustenta, portanto, sobre a conversão da liberdade da mulher em uma dependência voluntária. A crítica de Beauvoir é que essa suposta “recompensa”, ser guiada e protegida, é, na verdade, uma forma de alienação, pois nega a vocação universal da mulher à transcendência. Dessa forma, a aceitação da imanência pela própria mulher reforça sua dependência ontológica, simbólica e econômica ao marido. Todavia, essa aceitação pela imanência não é natural, mas construída, pois

[...] A fêmea, mais do que o macho, é presa da espécie; a humanidade sempre procurou evadir-se de seu destino específico; pela invenção da ferramenta, a manutenção da vida tornou-se para o homem atividade e projeto, ao passo que na maternidade a mulher continua amarrada a seu corpo, como o animal. [...] o projeto do homem não é repetir-se no tempo, é reinar sobre o instante e construir o futuro. Foi a atividade do macho que, criando valores, constituiu a existência, ela própria, como valor: venceu as forças confusas da vida, escravizou a Natureza e a Mulher (Beauvoir, 2019a, p. 100).

Desde o nascimento, a mulher é educada para ser frágil, passiva, dependente, discreta, submissa e, muitas vezes, invisível. Conforme Beauvoir (2019a, p. 12), “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si mesma, mas em relação a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. A ideia construída de “mulher” está intimamente associada ao funcionamento do organismo feminino. No entanto, o corpo não é apenas a base para a construção da identidade feminina, mas também é historicamente reinterpretado, e essas interpretações influenciam




diretamente a condição da mulher. Desde a infância, essa condição é marcada pela submissão e inferioridade em relação ao homem (Oliva, 2014, p. 270).

Simone de Beauvoir discute a noção de “Eterno feminino” ou “feminilidade” como uma construção social que atua para manter as mulheres em uma condição de imanência, posicionando-as como o “Outro” e assegurando a centralidade do homem como sujeito dominante. Para a filósofa, tal concepção não corresponde a uma verdade natural, mas sim a um mito produzido e disseminado socialmente, que precisa ser compreendido criticamente como resultado de processos históricos e culturais. Beauvoir também ressalta que esses mitos se perpetuam por meio de práticas sociais que são ensinadas desde a infância a meninos e meninas. Nesse sentido, Élisabeth Badinter (1985) aponta que a identidade feminina é formada a partir de um processo de socialização específico, iniciado nos primeiros anos de vida, que estabelece normas e expectativas de comportamento responsáveis por legitimar e naturalizar a posição subordinada das mulheres.

A menina é criada para se tornar mulher, ou seja, para desenvolver a feminilidade. Na infância e ao longo de toda a vida, ela é incentivada a atrair a atenção para si enquanto objeto, enquanto os meninos, por outro lado, são ensinados a abandonar gestos infantis e a não buscar mais o afeto dos adultos (Beauvoir, 2019b, p. 12). Diferentemente do menino, cujo vestuário permite maior liberdade de movimento, a menina é vestida com roupas delicadas e adornadas, e suas brincadeiras são mais suaves para preservar essa aparência (Beauvoir, 2019b, p. 12). Sua educação não a conduz ao destino privilegiado reservado aos homens; por não possuir um pênis, recebe uma boneca, que representa um duplo de si mesma e simboliza a condição feminina que lhe é imposta (Beauvoir, 2019b, p. 13). Nessa fase da vida, já são repassados para as crianças os valores hierárquicos entre os sexos e seus respectivos papéis. À medida que o universo da criança se expande, essa distinção é reafirmada. No ambiente familiar, observa-se que a autoridade recai sobre o pai<sup>6</sup>; fora do núcleo familiar, na sociedade ocidental como um todo, essa estrutura se reflete em diversas esferas, como na história, na literatura, nas canções, nas lendas e na tradição cristã, onde o homem ocupa sempre o centro dos acontecimentos e das decisões (Beauvoir, 2019b, p. 17).

A menina é ensinada a “brincar de casinha”, a cuidar de bonecas e a desempenhar o papel de mãe. Em contraste, o menino é incentivado a explorar o mundo. Enquanto a menina é conduzida a se tornar um objeto imanente, a agradar a todos e a ser definida pelo olhar alheio, o menino é estimulado a transcender sua condição. Beauvoir (2019b, p. 24) afirma que a vantagem do menino está no fato de que sua existência para o outro o impulsiona a afirmar-se para si mesmo. Embora todos os seres humanos estejam sujeitos ao olhar do outro, os meninos aprendem a



ser autônomos, ativos e combativos. Desde pequenos, são encorajados a competir, atacar e se defender, enquanto a menina age sempre em função do outro, com o objetivo de agradar, e não de ser protagonista de suas próprias ações (Beauvoir, 2019b, p. 24-25). As meninas são ensinadas a desenvolverem sua “feminilidade”, que parte de uma compreensão do senso comum, cuja feminilidade é entendida como um dom inato presente em toda mulher. A feminilidade consiste em padrões estéticos e de comportamentos construídos socialmente que se espera que uma mulher reproduza (Beauvoir, 2019a, p. 85). A mulher deve performar essa feminilidade, que corresponde a uma existência passiva.

Simone de Beauvoir (2019b, p. 11) afirma que “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Essa ideia sugere que a identidade feminina é construída socialmente, através de normas, expectativas e papéis impostos às mulheres. No filme, Bella Baxter é uma personagem que, em certo sentido, “nasce” de novo, sem as amarras sociais prévias. Ela começa sua jornada em um estado de inocência e pureza, quase como uma tábula rasa, e é através de suas experiências que ela começa a entender o mundo e a si mesma a partir de seu corpo. Essa jornada pode ser vista como uma metáfora para o processo de transcendência da mulher. Ao longo do filme, a protagonista desafia as normas de gênero e as convenções sociais, recusando-se a ser definida por outrem. Ela busca sua própria autonomia e autenticidade, recusa a imanência feminina e busca ser Sujeito.

## **BELLA BAXTER TORNA-SE MULHER**

O filme *Pobres Criaturas (Poor Things)*, dirigido por Yorgos Lanthimos e lançado em 2023, é uma adaptação do romance *Poor Things*<sup>7</sup>, escrito pelo autor escocês Alasdair Gray e publicado em 1992. A história central de ambos ocorre em torno de Bella Baxter, uma mulher que morre e é trazida de volta à vida por um cientista chamado Dr. Godwin Baxter. No processo, sua mente é substituída pelo cérebro de um bebê, o que gera um crescimento intelectual e emocional incomum e acelerado. A trama acompanha a jornada de descoberta da protagonista pelo mundo, marcada por questionamentos sobre identidade, autonomia e desejos. O filme apresenta uma estética estilizada da Era Vitoriana (1837-1901), incorporando também elementos de ficção científica e *steampunk*.<sup>8</sup>

O longa utiliza a técnica de filmagem conhecida como “olho de peixe” (*fisheye*), que emprega uma lente ultra grande-angular capaz de capturar um campo de visão amplo. Esse tipo de lente recebe esse nome por simular a maneira como um peixe enxerga o mundo, com uma perspectiva acentuadamente distorcida e bordas curvas que criam um efeito visual diferente do convencional. Essa técnica de filmagem transmite ao telespectador a sensação de estar espiando através do

buraco da fechadura a história que está sendo contada. Há momentos no filme em que essa técnica se apresenta de forma mais enfatizada, dialogando principalmente com cenas nas quais a protagonista encontra-se aprisionada.

**Imagem I** – Bella observa a porta com um cadeado trancado




**Fonte:** DisneyPlus, *Pobres Criaturas* (2023) de Yorgos Lanthimos, no tempo de 00:31:35

**Imagem II** – Duncan coloca Bella dentro de um baú para transportá-la a um navio



**Fonte:** DisneyPlus, *Pobres Criaturas* (2023) de Yorgos Lanthimos, no tempo de 01:01:19

O filme é dividido em dois momentos principais, em relação à estética e ao enredo. O primeiro momento, que corresponde ao início do filme, no qual o longa é transmitido em preto e branco, representa a vida de Baxter enquanto o Outro, um experimento científico, uma criança que não possui autonomia, uma existência imanente; todos ao seu redor repreendem-na, sua liberdade e autonomia são negadas a todo momento. A ausência de cor nesse primeiro momento do filme



simboliza a ausência de liberdade da personagem. Não é permitido à protagonista que tenha contato com o mundo exterior; a casa de Goodwin representa a totalidade de seu mundo, sua existência é confinada a esse ambiente científico e familiar que a vê como um experimento em desenvolvimento. O assistente do Dr. Godwin Baxter, Max McCandles, pergunta-lhe por que ele assusta tanto a protagonista sobre as coisas ruins que há no mundo externo; Dr. Baxter (*Poor Things*, 2023, 01:12:45) prontamente responde que “Ela é um experimento. Devo controlar as condições senão os resultados não serão corretos”. Essa fala do personagem Godwin ilustra o controle coercitivo que Bella sofre ao longo da história. O rigor do método científico fica em primeiro plano e a existência humana dela em segundo plano.

Já no segundo momento, o filme ganha cores. A primeira cena em cores do filme retrata o prazer corpóreo de Baxter com o advogado Duncan Wedderburn. O corpo possui um papel fundamental para o desenvolvimento da personagem, é a partir do corpo, das sensações vivenciadas, que ela começa a desenvolver sua identidade e autonomia. Segundo Beauvoir (2019a, p. 64), “[...] não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza”. Nesse sentido, o corpo de Baxter, que é um corpo feminino, ganha um valor inferior, ela é o inessencial. Contudo, a personagem, assim como uma criança que está por se fazer, não compreende ainda o valor negativo que seu corpo recebe. Por não entender a princípio a hierarquia dos corpos, Baxter age de forma espontânea e equivalente aos homens, conduta essa que horroriza as pessoas ao redor.

Para compreender a relação de Baxter com o mundo e sua incorporação da categoria de ser mulher, é necessário analisar as relações que a personagem tem ao longo da trama. O contato da protagonista com as personagens femininas ao longo do filme é ambivalente e complexo. A personagem Martha von Kurtzroc representa a figura da mulher mais velha sábia, com experiência de mundo. Martha é uma mulher que não segue as convenções sociais patriarcais de sua época, ela percebe a existência de Bella como uma existência autêntica e única, como um animal em extinção que estão tentando domesticar. Martha auxilia Baxter a não sucumbir à submissão patriarcal de forma passiva. Martha instiga a protagonista a questionar o mundo, as convenções. Através dos livros que empresta, Martha contribui para o desenvolvimento intelectual e emocional da personagem, representando uma figura de apoio e inspiração, sendo uma mulher que transcendeu sua situação de Outro para Sujeito. O primeiro diálogo entre as duas personagens tem como tema o corpo, o prazer feminino. Não é por acaso que é a partir do prazer corpóreo que Baxter inicia suas transgressões.

O tema do corpo perpassa todo o enredo e tem papel fundamental para o desenvolvimento da personagem. Vale destacar que, contrariando a tradição filosófica clássica e cartesiana que realiza uma divisão entre corpo e mente, a figura de Martha representa o filósofo que não parte dessa visão dualista, mas de uma perspectiva que enxerga a mente como parte de um corpo. Por isso seu primeiro diálogo com a protagonista foi sobre o prazer corpóreo, e somente em um segundo momento falará sobre questões intelectuais. Para realizar suas leituras, Martha e Bella escolhem um ambiente externo e agradável com vista para o mar. O mar sempre está em movimento, assim como a existência fluida de Baxter, que percebe que sua vida não pode ser limitada a ser um experimento científico.

**Imagem III** – Martha entregando um livro à Bella




**Fonte:** DisneyPlus, *Pobres Criaturas* (2023) de Yorgos Lanthimos, no tempo de 01:11:51

**Imagem IV** – Bella com o livro emprestado por Martha olhando o mar



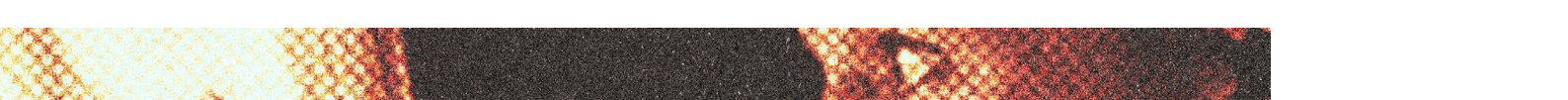
**Fonte:** DisneyPlus, *Pobres Criaturas* (2023) de Yorgos Lanthimos, no tempo de 01:11:25



A personagem Swiney, dona do bordel no qual Bella se prostitui, reproduz o sistema de opressão, objetificação, <sup>9</sup>exploração e feminina capitalista. Nesse ambiente de exploração dos corpos, a protagonista contraditoriamente se objetiva e descobre sua individualidade. A objetificação ocorre por seu corpo ser tratado como uma mercadoria de troca. Em contextos de exploração sexual e mercantilização do corpo, a mulher tende a ser percebida socialmente como objeto de uso e troca, tendo sua subjetividade subordinada às expectativas e ao desejo masculino, fenômeno que caracteriza a objetificação enquanto forma de despersonalização e instrumentalização do corpo feminino (Nussbaum, 1995). Nesse ambiente, Baxter passa a ter contato com vários homens; essa experiência é importante para que a personagem entenda como a sociedade patriarcal funciona e, principalmente, o desejo masculino. A partir dessa experiência empírica, Baxter percebe que o prazer feminino é ignorado e seu corpo é visto apenas como um corpo que existe para o prazer masculino e para a reprodução da espécie. A protagonista percebe que a existência do homem é diferente da existência da mulher. Nesse contexto, ela observa o comportamento dos homens com quem tem contato no bordel e percebe que o que diferencia o comportamento dos homens do das mulheres é a coerção que as mulheres sofrem socialmente.

Bella busca vivenciar o máximo possível de experiências, tendo essa premissa como fundamento e seu desapego à moral vigente. Ela se relaciona amorosamente com outra mulher. O relacionamento amoroso da Baxter com a personagem Toinette, uma prostituta parisiense que trabalha no bordel de Swiney, apresenta para ela a vivência política. É a partir desse relacionamento que Baxter compreende a ideia de integrar um coletivo. Sob a influência de Toinette, a protagonista tem seu primeiro contato com o marxismo, que impulsiona seu reconhecimento de classe e gênero. As duas personagens vivem um romance e um desenvolvimento intelectual conjunto. Elas participam juntas de reuniões marxistas, encontram o companheirismo uma na outra em meio a um ambiente hostil e precário.

A relação de Baxter com os personagens masculinos também é complexa. Contudo, há algo em comum em todas essas relações: todos os personagens masculinos buscam “cuidar” dela, e para tal cuidado ser efetivo, restringem sua liberdade. As principais figuras masculinas com as quais Baxter tem contato ao decorrer do longa são os personagens Dr. Godwin, Duncan Wedderburn, Max McCandles e, principalmente, seu marido Alfie Blessington. Ambos buscam dominá-la de diversas formas, utilizando até a violência física como coerção. Dentre todas as formas de violência que a protagonista sofre ao decorrer do filme, a mais cruel é quando assume o papel de esposa. Ao aceitar morar com o marido de sua antiga “eu”, Victoria, Bella vivencia um relacionamento abusivo e violento com Alfie Blessington, que a enxerga e trata de forma submissa. O personagem de



Alfie representa a personificação do machismo estrutural, que busca oprimir e até mesmo eliminar a existência da mulher.

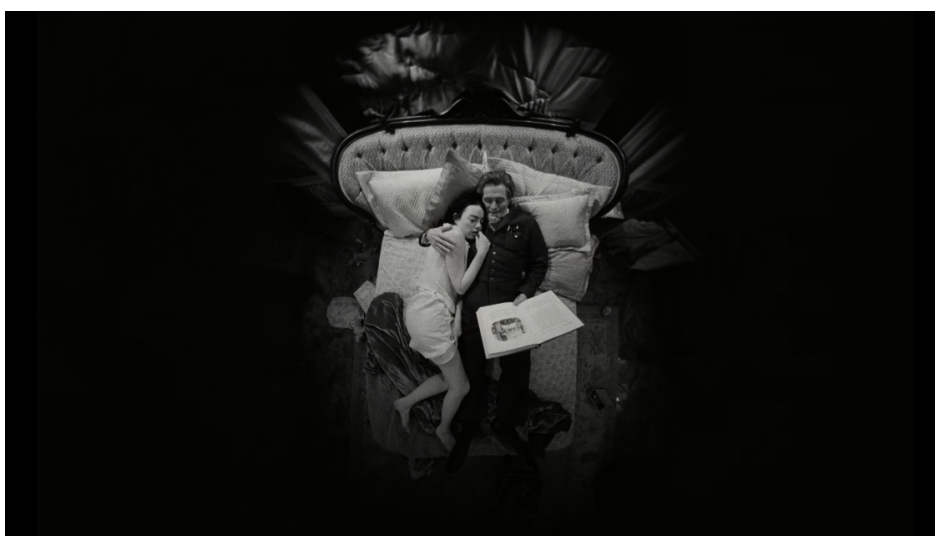
Os personagens Duncan Wedderburn e Max McCandles envolvem-se amorosamente com Baxter. Essas duas relações destacam-se pelo momento em que esses personagens demonstram interesse por ela, justamente na fase em que o cérebro e o comportamento da protagonista são similares ao de uma criança. A literatura<sup>10</sup> sociológica e demográfica indica que diferenças etárias entre parceiros, particularmente com homens mais velhos e mulheres mais jovens, estão associadas a estruturas sociais, econômicas e de gênero, refletindo normas culturais e padrões institucionais que variam entre sociedades e períodos históricos. Durante a infância, Beauvoir (2019b, p. 24) evidencia que a menina é educada a ser submissa, agradável e dependente do olhar e da validação dos outros, especialmente dos homens. Enquanto o homem age no mundo, a mulher é ensinada a ser um objeto dentro dele, reduzida ao papel de esposa, mãe ou musa; é sob essa perspectiva que Duncan Wedderburn enxerga a protagonista. Ele se aproveita da vulnerabilidade da personagem, que neste momento tem um pensamento infantil e curioso pelo mundo, para realizar seu desejo de posse sobre ela. Todavia, por não ter incorporado esses valores patriarcais, Baxter consegue não ser manipulada por Duncan. No relacionamento com Duncan, a Bella assume um papel muitas vezes atribuído ao papel masculino, ou seja, desapegada a valores morais, ela volta-se para o mundo exterior, lutando por sua liberdade e autonomia.

Segundo Beauvoir (2019b, p. 117), desde os tempos remotos, a mulher tem se submetido à vontade masculina, e essa vontade revela-se paradoxal: ao mesmo tempo em que implica uma tentativa de apropriação total, reduzindo a mulher à condição de objeto, também busca conferir-lhe a dignidade associada ao que é conquistado e possuído pelo homem. Nessa perspectiva, o Outro conserva, aos olhos masculinos, traços de uma aura mítica originária (Beauvoir, 2019b, p. 117). Surge, assim, um dilema fundamental: como conciliar, na figura da esposa, as funções de serva e de companheira? Com base nessa ambivalência, Duncan pede em casamento a protagonista, não com o intuito de demonstrar seu amor, mas com a intenção de aprisioná-la sob uma base legal e moral.

Em sua obra *O Segundo Sexo* (2019a, 2019b), Beauvoir evidencia outra dualidade que perpassa a figura feminina, a saber, a de ser considerada um ser sagrado e profano. Baxter representa essa dualidade. A existência sagrada da personagem é trabalhada em dois momentos da história, enquanto criança e experimento. Quando ainda possui o comportamento infantil, pois seu cérebro está em processo de aprimoramento, a protagonista é enxergada a partir de sua inocência. Essa inocência dialoga com a ideia de pureza, que perpassa a sacralidade.

Já no segundo momento, a sacralidade está relacionada à ciência. O personagem Dr. Godwin busca seguir o rigor da ciência e do método científico de forma tão dogmática que seu comportamento em relação à ciência assemelha-se ao de um religioso. Para Godwin, Baxter representa o poder da ciência de trazer à vida um ser que naturalmente não conseguiria retornar à existência. A ciência é a religião de Godwin, e Bella é sua figura sagrada. Nesse sentido, a relação de Godwin com ela passa por uma transição. Sendo um cientista, Dr. Godwin trata a protagonista no início como seu experimento científico, que representa o progresso da ciência. Ademais, com a convivência diária, o cientista passa a desenvolver um afeto paterno pela personagem.

**Imagem V** – Dr. Godwin Baxter lendo uma história para Bella.



**Fonte:** DisneyPlus, *Pobres Criaturas* (2023) de Yorgos Lanthimos, no tempo de 00:11:19

Outro contato importante para a construção da identidade de Baxter é o personagem Harry Astley, que representa a figura do cínico. Assim como sua amiga Martha, Harry é um homem desapegado aos valores morais vigentes. Harry é o personagem que mais questiona a protagonista sobre a vida e a conduta humana na sociedade. É ele que tira Bella de seu mundo infantil e restrito, apresentando-lhe um lado da existência humana com o qual ela ainda não tinha tido contato. Harry mostra à Baxter pessoas em situação de miséria extrema; tal situação faz com que ela tenha dois sentimentos que nunca havia vivenciado até aquele momento: a compaixão e o sofrimento. Nesse momento, há um salto em relação ao comportamento da protagonista. Por seu cérebro estar em desenvolvimento, ela se colocava no centro do mundo, como uma criança que busca realizar todos os seus desejos individuais, mas ao observar outras pessoas em situação vulnerável, Bella se desloca desse centro e começa a se desvencilhar dessa psique infantil egoísta.

**Imagem VI** – Pessoas debilitadas por conta da pobreza extrema



**Fonte:** DisneyPlus, *Pobres Criaturas* (2023) de Yorgos Lanthimos, no tempo de 01:16:58

**Imagem VII** – Bella vendo pessoas em situação de pobreza extrema




**Fonte:** DisneyPlus, *Pobres Criaturas* (2023) de Yorgos Lanthimos, no tempo de 01:17:01

**Imagem VIII** – Harry segurando Bella tentando acalmá-la



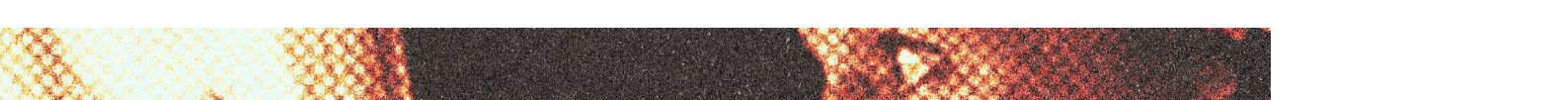
**Fonte:** DisneyPlus, *Pobres Criaturas* (2023) de Yorgos Lanthimos, no tempo de 01:18: 36



O personagem Harry desempenha um papel de natureza filosófica na narrativa, ao estimular a Baxter a questionar suas próprias crenças e a desenvolver um pensamento mais reflexivo e crítico sobre o mundo ao seu redor. O contato da protagonista com os personagens Martha e Harry revela-se decisivo para o amadurecimento de seu intelecto, pois, após essa convivência, ela passa a expressar-se com maior clareza e segurança. Dessa forma, a personagem abandona uma comunicação oral precária e limitada e passa a adotar uma fala mais articulada, consciente e crítica, tendo em vista que esses personagens incentivam a argumentação de Baxter. Além disso, Harry e Martha distinguem-se por serem os únicos personagens que não procuram restringir a liberdade de Bella; ao contrário, ambos incentivam sua autonomia e seu processo de autodescoberta, esses são as personificações do espírito filosófico. Eles demonstram admiração pela singularidade e espontaneidade da protagonista, valorizando justamente o fato de ela não se conformar aos padrões morais estabelecidos, assim como muitos filósofos faziam e fazem.

Mesmo havendo diferenças específicas entre os personagens masculinos, nota-se que todos realizam seus desejos, sejam físicos ou intelectuais. “O mundo sempre pertenceu aos machos”, é o que afirma Beauvoir (2019b, p. 95), e essa ideia fica evidente ao longo do filme. Os personagens masculinos possuem uma liberdade e autonomia que Bella busca encontrar. Ao analisarmos esses personagens masculinos sob a ótica existencialista feminista de Simone de Beauvoir, é perceptível que eles realizam seu destino de Sujeito no mundo. Para Beauvoir (2019b, p. 506), desde a infância, a vocação do homem como ser humano está em harmonia com seu destino enquanto macho. A associação entre o falo e a transcendência faz com que seus sucessos, sejam sociais ou espirituais, reforcem sua identidade viril, sem que haja uma cisão em sua existência. Isso significa que sua identidade masculina está em sintonia com os valores e expectativas da sociedade. O homem é educado para agir no mundo, conquistar, transformar e exercer autonomia. Ele é incentivado a buscar realizações sociais e espirituais, e essas conquistas reforçam sua masculinidade e seu prestígio. Dessa forma, o homem não sofre uma divisão entre sua identidade de gênero e seu desejo de realização pessoal, pelo contrário, uma coisa fortalece a outra.

Ao longo de sua obra (2019a, 2019b), Beauvoir expõe a importância de todo ser buscar a transcendência. Para a autora, a transcendência representa a capacidade do Sujeito de se projetar para além de si mesmo, agir no mundo e construir sua própria existência de maneira autônoma, o que a protagonista busca realizar ao longo da trama. O homem é historicamente identificado com essa posição ativa e livre, enquanto a mulher é colocada na condição oposta. Para que a mulher seja reconhecida em sua feminilidade, espera-se que ela se torne um objeto e uma presa,



o que implica a renúncia às suas aspirações de Sujeito soberano (Beauvoir, 2019b, p. 506). Esse processo de anulação da mulher enquanto Sujeito ocorre através da imanência. A imanência refere-se à restrição da mulher ao espaço privado e à passividade, impedindo-a de transcender e construir sua própria existência.


Beauvoir (2019) enfatiza a importância da liberdade e da autonomia para a realização plena da mulher. Baxter, em sua jornada, experimenta uma liberdade gradual e progressiva, tanto física quanto intelectual. Ela se move de um estado de dependência infantil para uma busca ativa por conhecimento, experiências e autodeterminação. Essa trajetória reflete a ideia de que a liberdade não é dada, mas conquistada através da ação e da tomada de decisões, principalmente a partir da reflexão crítica sobre a própria existência. No entanto, como Beauvoir (2019) também aponta, a liberdade não é isenta de desafios. A protagonista enfrenta resistências, julgamentos e tentativas de controle por parte dos homens ao seu redor, o que ilustra as barreiras sociais que as mulheres enfrentam ao buscarem sua autonomia. A luta de Bella para se libertar dessas amarras pode ser vista como uma representação da luta feminista por igualdade e respeito.

Beauvoir (2019a, 2019b) discute a sexualidade como um aspecto central da experiência feminina, mas também como um campo onde as mulheres são frequentemente objetificadas e controladas. Baxter, em sua exploração da sexualidade, desafia as normas patriarcais que buscam limitar e definir o desejo feminino. Ela experimenta sua sexualidade de forma livre e autêntica, sem se submeter aos padrões morais ou às expectativas dos homens ao seu redor. Essa liberdade sexual pode ser interpretada como uma afirmação de sua subjetividade e de seu direito ao prazer e à autodeterminação. Beauvoir (2019a, 2019b) argumenta que a mulher deve se apropriar de seu corpo e de sua sexualidade como parte de sua libertação, e a protagonista encarna essa ideia ao rejeitar a vergonha e a repressão.

Dessa forma, a jornada de Bella pode ser vista como uma busca por ser Sujeito. A personagem não aceita as definições que os outros tentam impor a ela; em vez disso, ela busca descobrir quem é por si mesma, através de suas próprias experiências e escolhas. Essa busca por autenticidade é um ato de resistência contra a opressão e a alienação. Beauvoir expõe que a mulher deve se libertar da condição de Outro e se afirmar como um ser autônomo e autêntico. Baxter, em sua jornada, personifica essa luta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise do filme *Pobres Criaturas* a partir da filosofia existencialista de Simone de Beauvoir evidencia como a narrativa cinematográfica permite refletir




sobre a condição feminina e a construção histórica do corpo da mulher. A trajetória de Bella Baxter ilustra, de maneira simbólica, a tensão entre imanência e transcendência, mostrando como experiências de objetificação e dependência podem ser superadas por ações que afirmam a liberdade e a autonomia. O filme confirma que o corpo feminino, longe de ser uma essência natural, é um espaço de construção cultural e política, moldado por relações de poder e pelo olhar masculino. Nesse sentido, Bella Baxter encarna a busca beauvoiriana pela transcendência, deslocando-se de uma existência marcada pela passividade, que lhe era imposta, para uma afirmação de Sujeito capaz de autodeterminação.

É fundamental reconhecer, contudo, que a análise aqui desenvolvida parte de uma perspectiva teórica específica, situada no contexto do existencialismo francês de meados do século XX. O pensamento de Beauvoir, embora pioneiro e profundamente influente para o feminismo contemporâneo, apresenta limitações epistemológicas que decorrem de sua localização histórica e geográfica. Como observam teóricas feministas posteriores, especialmente aquelas vinculadas aos estudos pós-coloniais e interseccionais, a análise de Beauvoir sobre a condição feminina tende a universalizar experiências de mulheres brancas, europeias e de classe média, sem considerar as especificidades de mulheres de outras raças, classes e contextos culturais. O que Beauvoir descreve como «a condição feminina» pode ser mais adequadamente compreendido como a condição de determinadas mulheres em um contexto específico.

Nesse sentido, recomenda-se que estudos futuros dialoguem com outras correntes teóricas feministas, como as propostas por Judith Butler (2003) sobre a performatividade de gênero, os estudos de Angela Davis (2016) sobre a interseccionalidade entre gênero, raça e classe, e as contribuições de autoras latino-americanas como Ochy Curiel (2012) sobre o feminismo decolonial. Essas perspectivas podem enriquecer a análise do filme, permitindo compreender como as estruturas de poder intersectam-se na constituição da subjetividade feminina, indo além da dicotomia Sujeito/Outro proposta por Beauvoir. Como observa Kate Kirkpatrick (2019), biógrafa de Beauvoir, a própria filósofa reconhecia que seu trabalho era um ponto de partida, não uma teoria acabada, e que cada geração de feministas deveria revisitar e expandir suas contribuições.

O filme *Pobres Criaturas*, ao apresentar uma protagonista que literalmente “nasce” novamente e constrói sua subjetividade a partir de suas próprias experiências, oferece um campo fecundo para reflexões sobre os processos de subjetivação feminina. A narrativa demonstra que a identidade de gênero não é um dado natural, mas uma construção histórica e cultural que pode ser questionada e transformada. Nesse sentido, o diálogo entre a filosofia de Beauvoir e a obra



cinematográfica de Lanthimos revela-se profícuo para pensar as condições de possibilidade da emancipação feminina no contexto contemporâneo, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de articular essa reflexão com outras perspectivas teóricas que contemplem a complexidade das experiências femininas em sua diversidade.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Élisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

BERGOFFEN, Debra B. *The philosophy of Simone de Beauvoir: gendered phenomenologies, erotic generosities*. Albany: State University of New York Press, 1997.

BOWSER, Rachel; CROXALL, Brian (Orgs.). *Like clockwork: steampunk pasts, presents, and futures*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CURIEL, Ochy. La crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. *Nómadas*, Bogotá, s.v., n. 36, p. 92-101, 2007. Disponível em: < <https://repositorio.unal.edu.co/items/61688b42-2267-450a-ac24-6b3896fd6a30>>. Acesso em: 20 abr. 2026.


DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 1992.

KIRKPATRICK, Kate. *Becoming Beauvoir: a life*. Londres: Bloomsbury Academic, 2019.

MIGUEL, Luis Felipe. Voltando à discussão sobre capitalismo e patriarcado. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 530, set./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1219>. Acesso em: 14 fev. 2026.

MOI, Toril. *What is a woman? and other essays*. Oxford: Oxford University Press, 1999.



MOTTA, Daniele Cordeiro; BEZERRA, Elaine Maurício. A força de Heleith Saffioti 50 anos depois. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/65812>. Acesso em: 13 abr. 2026.

NUSSBAUM, Martha C. Objectification. *Philosophy & Public Affairs*, Princeton, v. 24, n. 4, p. 249–291, 1995. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2961930>. Acesso em: 05 abr. 2026

OLIVA, Ângela. *Simone de Beauvoir: a mulher e a sua história*. São Paulo: Moderna, 2014.

PARKER, Emily Anne. Singularity in Beauvoir's The Ethics of Ambiguity. *The Southern Journal of Philosophy*, v. 53, n. 1, p. 52-74, mar. 2015. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/sjp.12097>. Acesso em: 16 mar. 2026.

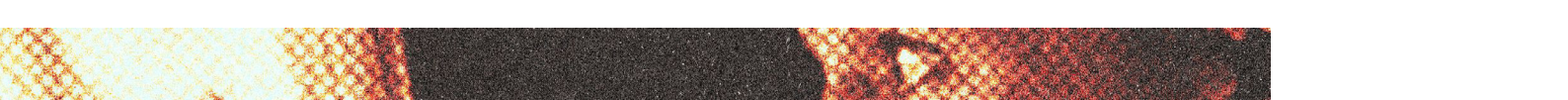
POOR THINGS (Pobres criaturas). Direção de Yorgos Lanthimos. Irlanda; Reino Unido; Estados Unidos: Searchlight Pictures, 2023. 1 filme (141 min). Disponível em: <https://www.disneyplus.com/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 3. ed. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.


## NOTAS

- 1 Simone de Beauvoir não faz uma distinção entre os conceitos “sexo” e “gênero”, tendo em vista que a publicação de *O Segundo Sexo* ocorre em 1949, sendo anterior a essa divisão conceitual. Segundo Toril Moi (1999, p. 3), a distinção entre sexo como categoria biológica e gênero como construção social, amplamente incorporada pelo feminismo desde a década de 1960, estrutura grande parte da teoria feminista contemporânea. Contudo, a autora destaca que, nas últimas décadas, tal distinção passou a ser intensamente problematizada por diferentes correntes teóricas. Feministas influenciadas pela psicanálise, pela teoria feminista francesa e pela teoria queer, assim como pensadoras pós-estruturalistas como Donna Haraway e Judith Butler, criticaram a separação rígida entre sexo e gênero, questionando seus pressupostos e seus limites explicativos, bem como sua capacidade de abarcar a complexidade das experiências corporais e subjetivas femininas.
- 2 Emily Anne Parker (2015) observa que, para Beauvoir, nenhum sujeito pode ser concebido como neutro em relação a sexo, gênero ou sexualidade, de modo que até mesmo a pessoa intersexo constitui um caso singular. Embora Beauvoir mencione brevemente a intersexualidade ao discutir uma pessoa que se identifica como mulher, apenas para rejeitar a ideia de que esta seria um “homem oculto” em falso disfarce”, ela inicialmente trata a intersexualidade como categoria uniforme e irrelevante ao projeto. Parker argumenta, contudo, que essa formulação introdutória, que parece pressupor apenas dois “tipos”, serve sobretudo para evidenciar



que não há sujeitos masculinos supostamente neutros de gênero. Ao longo de *O Segundo Sexo*, Beauvoir complexifica e diversifica esse quadro, acolhendo formas não normativas de identidade e expressão de gênero como parte das materialidades e estilos característicos de sua época. Parker aponta como exemplo o capítulo “A Lésbica”, que para a autora torna-se claro que gênero, sexo e sexualidade, na interpretação que realiza de Beauvoir, desafiam expectativas (sexistas, racistas, heterossexistas). Assim, para Parker singularidade refere-se também à materialidade e ao estilo generificados, mas estes não são, de fato, de dois tipos transcendentais e ahistóricos. Parker ainda aponta que a crítica kierkegaardiana de Beauvoir tanto ao idealismo quanto ao particularismo torna-se uma crítica às normas sexistas, racistas e heterossexistas, ou, como Beauvoir as chama, mitos.

- 3 O primeiro capítulo do primeiro volume de *O Segundo Sexo* (2019a) é dedicado a apresentar e analisar esses argumentos, acrescentando o ponto de vista do materialismo histórico. O livro de Freud que Beauvoir menciona é *Totem e Tabu* (2013).
- 4 Em *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir parte de uma perspectiva existencialista, influenciada por Jean-Paul Sartre, para explorar o problema da relação entre Sujeito e Outro. Em seu texto *O existencialismo é um Humanismo*, Jean-Paul Sartre (1987) afirma que a existência precede a essência, ou seja, “o ser humano existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define” (Sartre, 1987, p. 6). Para Sartre “o homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada; só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo” (Sartre, 1987, p. 6). No existencialismo sartreano o homem está condenado a ser livre, “[...] condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz” (Sartre, 1987, p. 9)
- 5 Patriarcado refere-se a uma estrutura social e política na qual os homens detêm poder predominante sobre as mulheres e outros grupos marginalizados, controlando recursos, instituições, normas culturais e decisões sociais. O patriarcado não é visto apenas como a dominação individual de homens sobre mulheres, mas como um sistema histórico e institucionalizado que perpetua desigualdades de gênero. Para saber mais ver: Miguel (2017).
- 6 Para compreender como ocorre a submissão feminina ver a obra *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva* do sociólogo Max Weber (2009) que está em consonância com os estudos de Beauvoir. Este texto faz-se necessário para pensar a dominação a partir de sua legitimidade social, como fundamento do poder numa determinada sociedade, levando a população a aceitar a obediência a uma determinada ordenação social. Weber (2009) identifica três tipos principais de dominação legítima: dominação tradicional, dominação carismática e dominação legal-racional. Nessa pesquisa trataremos apenas da dominação tradicional que se divide em dois tipos: a gerontocracia e o patriarcalismo primário. Segundo Weber (2009, p. 151) denomina-se gerontocracia a dominação que é exercida pelos mais velhos (pela idade). Enquanto o patriarcalismo consiste na situação em que, “[...] dentro de uma associação (doméstica), muitas vezes primordialmente econômica e familiar, a dominação é exercida por um indivíduo determinado (normalmente) segundo regras fixas de sucessão. Não é rara a coexistência de gerontocracia e patriarcalismo” (Weber, 2009, p. 151). Ou seja, o patriarcalismo é um sistema de normas baseado na tradição, na autoridade de um senhor, do chefe de família, que detém poder e autoridade (Motta, 2021, p. 4).

- 
- 7 Nesta pesquisa trataremos apenas da narrativa do filme *Pobres Criaturas* (2023) de Yorgos Lanthimos.
  - 8 O termo steampunk foi cunhado na década de 1980 por autores de ficção científica que buscavam descrever narrativas ambientadas em versões alternativas da era vitoriana, nas quais tecnologias avançadas movidas a vapor coexistem com estruturas sociais e estéticas do século XIX. Para mais detalhes ver: Bowser; Croxall (2016).
  - 9 A noção de objetificação desenvolvida pela filósofa Martha Nussbaum compreende a redução da pessoa a instrumento de uso alheio, caracterizando-se pela negação de sua autonomia e pela transformação do corpo em meio para fins externos. Em contextos marcados por desigualdades de gênero e relações de poder, como aqueles associados à exploração sexual e à mercantilização do corpo feminino, a mulher pode ser socialmente tratada como objeto de satisfação do desejo masculino, tendo sua subjetividade subordinada a expectativas sociais e econômicas. Nesse sentido, a objetificação não se limita à dimensão sexual, mas envolve a instrumentalização do corpo e a restrição da autonomia individual, fenômenos recorrentes em estruturas sociais patriarcais (Nussbaum, 1995).
  - 10 A noção de infância como etapa distinta do desenvolvimento humano é compreendida pela historiografia contemporânea como uma construção histórica e social, e não como uma categoria universal e imutável. O historiador Philippe Ariès (1981), em sua obra clássica *História social da criança e da família*, argumenta que, na sociedade medieval europeia, embora as crianças existissem e fossem objeto de cuidados familiares, não havia um sentimento de infância equivalente ao moderno, caracterizado pela percepção da criança como sujeito em desenvolvimento que requer proteção, educação específica e separação do mundo adulto. A partir dos séculos XVII e XVIII, especialmente com a expansão da escolarização, a transformação das estruturas familiares e o surgimento de discursos pedagógicos e médicos, consolidou-se progressivamente a concepção moderna de infância, que se institucionalizou ao longo do século XIX com a criação de sistemas educacionais obrigatórios, legislação protetiva e especialização de saberes voltados à criança.